

*A poesia brota
do Cerrado,
lírica e telúrica,
como as flores
do ipê florescem
na Primavera*

*Amo o quê há de
ambíguo num
porto de mar, que
convida a partir e
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

A mulher me xinga, retruca que se ela, em vez de velha gorda, fosse uma dessas jovens bonitas que saem peladas nas capas da Playboy, a conversa seria outra. Eu não consigo me conter, pro inferno, sua velha chata!



□ **Adriano Aragão**

Você viu só, Ulisses? Essa mulher é maluca. Agora cismou que devo financiar o conserto de um vazamento no banheiro do apartamento dela. E o que eu tenho com isso? Nem a conheço direito. Somos vizinhos mas é só. Naturalmente tento ser educado, digo apenas que não possuo o dinheiro que ela quer, aliás eu não tenho dinheiro algum, nem mesmo para as compras no supermercado, se tivesse grana estaria comendo um suculento bife

com fritas, em vez de arroz com ovo frito. Saía de casa nos intervalos do romance para uns copos de chope com os amigos, coisa que não faço faz quase dois meses: quando preciso sair, nem ônibus pego mais, ando a pé, para poder economizar alguns trocados. Mas a mulher não me ouve. Não acredita em nada do que eu digo. E fala que viu uma foto minha no jornal, diz que sou alguém muito importante, porque os jornais não se ocupam de gente que não tem dinheiro, que não é importante. Eu lhe digo, mas minha senhora não sou tão importante assim, nem mesmo sei se sou importante, sou apenas um escritor e escritor marginal, de segundo ou terceiro time, e meus livros não vendem tanto, não são best-sellers, veja o meu primeiro livro: publicado há coisa de cinco anos, ainda tenho quase toda a edição encalhada, jogada num canto do quarto. A mulher me xinga, retruca que se ela, em vez de velha gorda, fosse uma dessas jovens bonitas que saem

**Você é
testemunha,
Ulisses**

peladas nas capas da Playboy, a conversa seria outra. Eu não consigo me conter, pro inferno, sua velha chata!

Sabe, Ulisses? Não gosto quando você me olha desse jeito, faz esse ar de reprovação. Sei exatamente o que você está pensando. Se eu não tivesse pedido demissão do jornal não estaríamos, os dois, enfrentando dificuldades financeiras, não teriam cortado o telefone e a luz, nem estaríamos sendo ameaçados de despejo do apartamento. Talvez você esteja certo. Mas você me conhece, sabe que para mim dinheiro no bolso não é tudo. A literatura é o que mais importa sobre todas as coisas. Como disse o poeta: "Navegar é preciso, viver não é preciso". Depois eu precisava de tempo livre para escrever o romance, e após um dia de intenso trabalho na redação chegava em casa cansado, não conseguia escrever coisa alguma que prestasse.

O que foi agora, Ulisses? Não estou entendendo você. Você é testemunha, quando comecei a escrever o romance eu contava com o dinheiro aplicado na poupança. As coisas ficaram pior depois que o Governo bloqueou o dinheiro de todo mundo nos bancos. Concordo, tenho pago um preço muito alto. Perdi a mulher e o filho. Só me restou você, meu escudeiro. Me lembro das últimas palavras dela: "Chega de sofrimento. Cansei de ser mulher de escritor. Vou pra casa de meus pais. De lá só volto quando você desistir dessa loucura de querer ser escritor e arranjar um emprego decente". Você já imaginou, Ulisses, o que significa para um homem ter de abandonar o que ele mais gosta, que é fazer literatura? É, Ulisses, a literatura nos impõe duros sacrifícios. Mas a Alice não foi sempre assim. No começo, ela parecia orgulhosa de ter casado com um escritor, me dava o maior

incentivo. Ultimamente já não suportava ouvi-la dizer que literatura é coisa de desocupado, de quem não tem responsabilidade com a família, vive na mesa de bar bebendo com outros escritores.

Escrever é coisa de doido. Um estigma. Publicar? É uma zonzeira. Sobretudo para o escritor novo, desconhecido do grande público. O editor lê os originais, acha bom o texto, mas diz que não dá para publicar. O negócio deles é faturar, publicar apenas best-seller. Uma dureza, Ulisses. Não basta ter talento, o jovem escritor precisa também de muita sorte. Um exemplo? Tenho vários. Mas vou te



contar apenas o de um escritor, bom escritor, talentoso escritor, mas que ainda não vingou. Você conhece o escritor, hoje ele não é tão jovem assim, tem mais de 40 anos, é do signo de Câncer. Chama-se Drumond Amorim. Pois bem. Há vinte anos, ele publicou o seu primeiro livro. Era uma história desesperada que falava de amor, escrita em primeira versão aos dezoito anos. Saiu com prefácio de Jorge Amado. E o que aconteceu? Absolutamente nada. Me lembro do que ele disse: "Eu imaginava que fosse eletrizar a platéia com o romance. Mas, para começar, não

tinha a menor idéia do que fazer com a pilha de livros que recebi em casa. Aí joguei tudo em cima da cama e rolei, comovido, satisfeito, quase realizado. Já podia morrer em paz. Depois, meus cinco leitores me deram parabéns pelo prefácio de Jorge Amado. E continuei inédito".

Você deve estar dizendo que é preciso ir à luta. E ele foi a mais de uma. Entrou em concursos, ganhou vários prêmios. Me lembro de um que ele recebeu a grana em dólar. O livro saiu publicado por uma editora do Sul. O que aconteceu depois? Nada. Ou quase nada. Ninguém disse nada, ninguém falou nada. Nem mesmo para xingar o livro, esculhambar o escritor. Sacanagem!

Agora, Ulisses, que eu publico, publico. Nem que seja em mimeógrafo. Quando atingirei o outro lado? Não sei. Nunca se sabe. A viagem é arriscada. A tormenta, os vendavais, as ondas. De repente, ao aportar do outro lado, podemos sucumbir. Isto também acontece.

Ulisses enrosca-se na minha perna, os seus olhos ganham um brilho intenso que há muito eu não via. Faça-lhe um afago, ele responde com um melancólico miado, agüenta firme, meu fiel companheiro. Foram dois anos muito duros,

para todo mundo. Sobretudo depois que o dinheiro acabou. Teve hora que eu me vi perdido, pensei que não ia conseguir. Eu falei pra você, lembra? Mas finalmente terminei o romance, Ulisses. As coisas agora vão mudar, meu amigo. Não é entusiasmo besta, infantil, não. Vou lhe revelar uma coisa que mantive em segredo. Desta vez já tenho editor interessado em publicar o romance. E promete me dar na entrega do texto uma boa grana de direitos autorais. Parece que desta vez acertei, Ulisses. Consegui escrever um puta romance.